



Prop. do CENTRO DE ACTIVIDADES CIRCUM ESCOLARES DO L. N. H.

# ARAUTO

1969

DEZEMBRO

ANO XII

N.º 57

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta • Editor e Orientador: Dr. Tomaz da Rosa • Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

Redactores

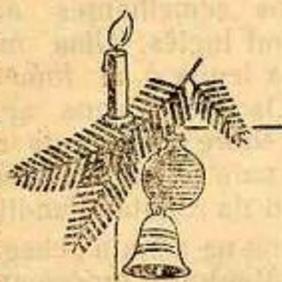
J. Diogo, C. Moniz, J. Ferreira, M. Frayão e J. Pires

Chefe do Núcleo

COSTA RITA

Administrador

LUÍS ALBERTO FRAGA



## O "Arauto"

deseja aos Srs. Professores, estimados assinantes, colaboradores e amigos as Boas Festas do Natal e um Ano Novo cheio das maiores felicidades.

## O CONTISTA Florêncio Terra

Transcrevemos neste número do «ARAUTO» um dos contos do Natal deste escritor faialense, que foi distinto professor do nosso Liceu.

É autor de «CONTOS E NARRATIVAS».

O seu nome obteve projecção ao nível Nacional. O conto aqui transcrito incluído naquele livro figura numa antologia de contos para o 3.º ano liceal, da autoria de Júlio Martins.

Julgamos útil aproveitar a oportunidade para reproduzir a apreciação crítica sobre Florêncio Terra, que vem na «HISTÓRIA ILUSTRADA DAS GRANDES LITERATURAS».

Florêncio José Terra, que nasceu em 13/5/1859 na

Horta, onde foi professor e reitor do liceu e aí morreu em 25/11/1941, deixou obra escassa e póstuma—«CONTOS E NARRATIVAS», 1.º vol., 1942—mas não destituída de interesse. Está perdido o original de duas peças teatrais, representadas no TEATRO FAIALENSE, e não pudemos ler os romances publicados em folhetim num jornal da Horta, nem os dispersos no «FAIALENSE», que dirigiu no «AÇORIANO», onde colaborou, nas revistas: literária de «O SÉCULO», «O OCIDENTE», «ILUSTRAÇÃO», etc., embora alguns devam ter sido recolhidos em «CONTOS E NARRATIVAS»: Essa recolha de catorze histórias, se

(Conclui na 2.ª página)

## FESTA DE SAUDADE

Nem para todos é o Natal festa de alegrias; mas para alguns, até, festa ainda mais triste, porque sendo festa, lhes recorda, contudo, tristezas.

Lembro-me de uma pobre mãe para a qual aquela noite era a sua noite de saudade e de lágrimas.

A históriazinha é simples e conta-se em duas palavras:

Em um ponto isolado de uma das nossas praias picarotas, estabelecera-se, havia anos, uma família de pescadores. Primeiro um só casal viera ali ter, e a sua casita de pedra negra, apenas tomada de argamassa nas juntas da portada e das janelas, era a única coisa viva que, entre as velhas casas abandonadas, o mar encontrava todos os dias, ou quando as lindas

madrugadas se espreguiçava leitoso e fresco à luz da alva, ou quando nos ocasos rútilos espelhava o veio de ouro do sol ao esconder-se, ou ainda quando, pelas tempestades, comia a terra com a sua espuma desgrenhada e salgada.

Deste casal, por cruzamentos em povoados próximos, foram-se originando novas famílias, outras pobres habitações se construíram, e com o decorrer do tempo aquele lugarejo habitado, no meio do sitio agreste e desabrido, fazia lembrar um desses pontos das praias que certas aves marítimas escolhem para fazer os seus ninhos. Os homens, as mulheres e as crianças tinham mesmo na voz, habituada a lutar com

(Conclui na 2.ª página)

## O NATAL em várias países

Como todos nós sabemos o Natal não é festejado de igual maneira em todos os países. Obedece a um ritual de tradições e costumes que se vieram projectando através dos séculos, e que hoje embora mudados ainda mostram características do que foram no passado.

Não tem interesse expor o processamento do Natal no nosso País, visto que

já é por todos conhecido e festejado. Vou antes falar sobre o Natal noutros Países Europeus.

INGLATERRA — A maneira de celebrar o Natal neste País é muito original. É um mito e uma tradição. As árvores do Natal, os azevinhos e os viscos que penduram nos lustros, lembram a vida eterna da natureza. Os azevinhos pen-

(Conclui na 5.ª página)

# Altar - Presépio - Arvore

Novamente nos aproximamos da festa tradicional do Natal, a qual é considerada como a mais querida de todo o ano litúrgico, pois a comemoração do nascimento duma criança é já um acontecimento carinhoso, agora muito mais expressivo porque essa criança é também Deus.

Por isso todo o mundo procura expressar a sua alegria, os seus sentimentos através dos enfeites mais ou menos semelhantes em diversos países, embora haja algumas diferenças, pois não há regra sem excepção; quero apenas limitar-me aos Acores, meio onde vivo e tenho contacto directo com os costumes populares.

Para engalanar a casa faz-se um altar, um presépio ou coloca-se uma arvore de Natal. Casas há em que se fazem as três coisas, outras duas ou só uma. Claro está que estes enfeites tradicionais dão melhor aspecto à casa e mostram que o ambiente é de ternura, alegria, enfim tudo o que há de mais carinhoso. Atente-se que estes enfeites não é que fazem a festa, pois o Natal deve ser festejado mais interior que exteriormente. É por isso que quando alguém chama a atenção para tal facto que não devemos criticá-lo, visto que tem razão, pois o exterior teve ser um reflexo do interior.

Como sabemos os enfeites Natalícios datam já de há muitos séculos e, se notarmos bem eles têm o seu significado.

O altar e o presépio são próprios de Jesus porque ele é Deus. A arvore terá também o seu valor expressivo?

Uma semente lançada à terra germina e dá um pinheiro que se ergue magestoso para louvar a obra do criador, é um elemento da natureza e, como tal pode representá-la à cabeceira do Filho de Aquele que a criou.

Como sabemos a arvore

de Natal é de origem protestante, sendo assim devemos ou não admiti-la ao lado do presépio?

Estamos ainda a poucos passos do grande acontecimento que foi o Concílio Vaticano II. Este procurou renovar a Igreja à Luz dos tempos actuais.

O Papa Paulo VI tem-se esforçado para que haja a União na Igreja e, por isso é lógico que tenhamos de admitir a arvore, como enfeite, expressão também Católica.

Eu explico:

Se queremos a união da Igreja no Mundo, não devemos apenas exigir que os nossos irmãos cristãos protestantes aceitem as nossas disposições, dogmas, etc. É nosso dever tentar a união aceitando também algumas das suas expressões que coadunam com a nossa doutrina para que a união seja feita em concordia e não forçada.

É difícil concordarmos com um ponto de vista um pouco diferente do nosso mas também é necessário condescender com criações dos outros Cristãos.

# O NATAL em várias países

(Continuação da 1.ª pág.)

durados nas janelas simbolizam um chamamento a todas as fadas e espiritos bem-fazejos e um modo de afastar as feitiçeras e outras vizitas indesejáveis.

O visco, que os Ingleses gostam de pendurar nos sítios mais altos das casas é a sobrevivência duma crença mitológica: com efeito a lenda Escandinava conta-nos que BALDAR, Deus do SOL que não podia ser morto por nenhum objecto situado na Terra, foi morto (durante certo tempo) por uma ficha de visco levada pelo vento. Mais tarde FREYA, Deusa do Amor reanimou-o, mas as lágrimas que ela derramou caíram sobre a planta e tornaram-lhe as bagas cor de pérola.

Outra contribuição importante da Inglaterra para a grande festa universal, é o cântico de Natal, esse género poético impar, que conta os mistérios sagrados, na linguagem simples das crianças. Os primeiros cânticos provêm da Itália, mas foi na Inglaterra que

atingiram o mais alto grau de perfeição. As palavras evocam as estrelas, os sinos e os sonhos.

FRANÇA — Todo o turista que esteja interessado nos festejos do Natal não deve demorar-se em Paris. A cidade da luz não tem festejos especiais: é no campo que se celebra uma festa de Natal mais verdadeiro.

Na Provença ouvem-se cânticos semelhantes aos do Natal Inglês. Uma magestosa lenda é aí fomentada. Os Reis Magos aparecem sobre a forma de ciganos para lerem as linhas da mão da Santa Família.

Todos os anos a chegada do Menino é representada pelos membros das pequenas comunidades. Tem este uso origem num presépio organizado por S. Francisco na igreja da aldeia de Creccio em 1224. A igreja não mudou muito desde então. As personagens são representadas quer por figuras pintadas ou esculpidas, quer por pessoas. Aparece mesmo em cena um boi ou um burro verdadeiros. Na costa Sul passeiam no Natal, uma bela jovem, montando um burro, com um menino nos braços, acompanhada dum S. José do sítio e seguida por uma multidão de crenças e crianças vestidas de branco que deitam flores no caminho.

Os teatros de fantoches levam também a efeito representações Natalícias.

HOLANDA — O viajante que queira assistir às festas do Natal nos Países-Baixos, deve ir cedo, porque na Holanda o Natal é muito menos importante que a festa de S. Claus e o dia 6 de Dezembro, muito mais festivo que o dia 25.

O S. Claus é um velho de boné encarnado guardado com pelos, capa e botas, de olhos azuis vivos, bastante semelhante

(Conclui na 3.ª página)

## No Presépio

*Silente, pelo tecto esburacado  
Aos golpes da invernia,  
A estrelinha dos Magos tinha entrado,  
Como Sol benfazejo em noite fria,*

*Mas, no anseio das mães embevecidas —  
A Virgem reparou que esse clarão,  
De duas traves carcomidos  
Projectava uma sombra, em cruz, no chão...*

*Foi por isso que os Reis, e que os pastores  
Ajoalhados a orar,  
Vieram, nos olhos cismadores  
Da Mãe dos pecadores,  
Aqueles duas lágrimas brilhar...*

*E é, desde então, que o maternal sorriso  
Tem tão complexa luz,  
As mães cantam, sonhando o Paraiso:  
—Mas lembram-se da Cruz...*

Branca de Gonta Colaço

# O CONTISTA

## Florêncio Terra

(Conclusão da 1.ª página)

exceptuarmos o romantismo dessorado e o convencional piegas das que se passam fora do ambiente açoriano. «Prece» «O Adeus de Schubert», «A boneca», «Afectos desta Vida», é duma simplicidade rústica, onde o enredo forma um breve fio de água, corre por uma paisagem risonha, espécie de Minho insólito, nascido em pleno Atlântico mais próximo da América e coroado pelas neves do Pico São assim como que uma via-sacra de gente aldeã, com procissões, sinos festivos, foguetes: «Margarida Amor Fiel», mortes: «A VARINHA», «História dum Pequeno Trabalhador», enterros: «Tão Velha», Natais: «Corações Simples», «Tua, tua, mas para Casar», «Última Laranja». O ruralismo idealizado de paz e conformação, ora paisagista, de casas brancas, campos, «tilintar de campainhas de gado», «mugir doce das vacas», sob um céu azul de nuvens lavadas a «se-

car» em estendal, «ora de interiores modestos com a caixa «onde se guarda a roupa», «a mesa» onde se come, o oratório com as imagens e o Menino «vestidinho de seda rosa bordada a canutilho de apagado oiro «lembram um Júlio Dinis sem estrutura romanesca. Este bucolismo, coado por uma amorável linguagem diminutiva — «repassando e arremendando a roupinha dele» —, coloquial, que nos sabe logo nos títulos — «Tua, tua, mas para casar» — mordiscada por um ou outro regionalismo ou fixando o emprego de certos substantivos desacompanhados de artigos ou pronomes, tem o seu encanto.

Florencio Terra sabe tirar partido duma simplicidade bebida na natureza. Por isso não nos espuecem aqueles olhos de «A Varinha» — «verdes, rasgados e cristalinos entre as pestanas grandes, como duas gotas de água escondidas sossegadamente entre as ervas altas».

# O NATAL

## em vários países

(Conclusão da 2.ª página)

ao Pai Natal e não é uma personalidade histórica, S. Nicolau era bispo de Lyoa e viveu no século IV. Como era rico praticava a caridade e fazia bem anónimamente.

Foi assim que uma bolsa cheia de oiro deixada cair pela chaminé da casa duma família necessitada, salvou três jovens da vergonha — Dai vem o costume de pendurar uma meia na chaminé. Contudo um dos maiores milhagres feitos por S. Nicolau foi sem dúvida o voltar a dar vida a três rapazinhos que um lenhador tinha assassinado, cortando-os aos bocados. Ele é o personagem principal

da festa das crianças devido às suas características lendárias.

Todos os anos S. Nicolau vem da Espanha num barco com o seu criado Pedro o Preto, o que nada tem de extraordinário para um povo de marinheiros.

O navio fundeia em Amstordão, junto da igreja de S. Nicolau, onde é acolhido por uma multidão de crianças, pelo presidente da Câmara e as mais altas personalidades da cidade. Todos os sinos tocam e a cidade, habitualmente austera, transforma-se numa verdadeira paisagem de conto fantástico do Natal.

J. M. Ferreira

# Festa de Saudade

(Conclusão da 1.ª página)

as vozes do mar, modulações e gritos como de gaiotas, espalhadas em bandos no seio das ventanias.

Constituiu-se, pois, ali uma pequena colónia de pescadores todos ligados por laços diversos de parentesco, como ramos da mesma árvore brotada ao acaso de uma semente caída entre as rochas. Todavia o facto a que fazemos referência passou-se com o primitivo casal.

A mulher era uma criança de dezassete ou dezoito anos quando lhe nasceu a primeira filha. Depois outros filhos sucederam-se como frutos em cada primavera.

A pequenita, que era bem inclinada e cheia de bondade, logo desde os mais tenros anos começou a prestar à mãe o seu auxílio, tomando conta dos irmãos, e por tal forma que eles lhe queriam como à própria mãe, às vezes mais, Deus lhes perdoe.

Mas a verdadeira mãe não sentia zelos da sua querida filha, antes cada vez lhe consagrava mais amor e gratidão pelo muito que ela se esforçava em ajudá-la. Até, como os pequenitos, lhe chamava também: «A sua mãe». Calculem, pois, a dor que a feriu, quando no intervalo do quinto para o sexto filho, a Maria lhe morreu, ia fazer doze anos:

Foi na véspera do Natal que ela morreu...

Que pesar imenso ver nessa noite angustiosa, na salita pobre, o caixão de Maria, onde ela estava branca de cera, sob o choro da mãe, e apenas esclarecido pelas mesmas luzes que a um lado alumiam a

quem a irmanzinha mais velha de Maria vestira de preto.

Deitara luto o Menino Jesus...

Assim se diria ter sucedido ali; mas lá em cima, no céu, uma alegria infinda reinava, cânticos de júbilo inefável festejavam a chegada da linda alma daquela criança que não desmerecia na resplandecência celestial, tal era o brilho de inocência, pureza e de bondade que dela irradiava.

A mãe de Maria por todo o tempo chorou a morte dela. E dali em diante em cada noite de Natal, quando o logarejo se despovoava dos seus habitantes, que seguiam para a santa missa da meia noite, ela só ficava em casa, armava o altar do Menino Jesus, a que sempre conservava o seu vestidinho preto, acendia algumas luzes entre raras flores, abria uma gaveta onde religiosamente guardava toda a roupa da filha, tirava-a, impregnava-se daquele aroma de saudade, passava-a lentamente, peça por peça, e sobre cada um desses objectos queridos ia depondo os beijos e deixando cair as lágrimas da sua dolorosa recordação.

Sôzinha ela chorava; mas, quebrando na praia, lá estava a voz do mar, parecendo que também ele, a testemunha sempre presente de todas as desditas e de todas as alegrias daquela família, a acompanhava na sua dor, entoando salmos que embalavam a noite...

Assim esta pobre mãe celebrava a festa das suas lágrimas em cada ano, na noite de Natal, porque no restante tempo da sua tão custosa vida nem tempo tinha para chorar...

# São assim as Estudantes...

## CINE CHAMPS

Apresenta todos os dias úteis, feriados e Domingos a horas indeterminadas e por vezes imprevistas um grandioso programa duplo

### O Amor não tem barreiras

com: Luigi Casimiri e Tiniã

### O Sr. Advogado

com: Ferdinand Menezes e

A crítica tem dispensando os mais rasgados elogios a esta obra desde alguns meses o que leva a crer que se «em amo» por longo tempo.

## ACRÓSTICO

Enquanto passa a infância  
Repleta de suave fragrância  
Numa vida cheia de beleza  
Em que tudo é belo e suave  
Sem que haja lugar para tristeza  
Tudo é como um vôo de ave  
Ondulando num céu de beleza

Removem-se os tempos infantis  
E acabam-se os pensamentos pueris  
Gravam-se agora na alma juvenil  
Infinitos anseios de expansão  
Num tempo suave, primaveril  
Avassalado bem fundo o coração

Amor é então tudo isso  
Mais belo que comece a haver  
O príncipe encantado que chega  
Riso, alegria felicidade, prazer

## Recorde

A Orlanda bateu recentemente, a custo de muita tinta derramada, o recorde de correspondência recebida do cara-metade, um antigo redactor do nosso jornal, actualmente em Lisboa, com a boa média de 3 cartas diárias. Congratulamo-nos com isso e fazemos votos para que este ritmo epistolar não afrouxe.

Eles eram já velhos conhecidos e conterrâneos, mas de Cupido tudo se pode esperar e quando menos se espera. O edílio foi tomando corpo progressivamente e em breve ultrapassava a fase platónica, para seguir o seu curso normal. Aproveitando esta quadra festiva desejamos ao George e à Evelyn um ano novo muito próspero e cheio de felicidades.

A actriz do «Cine-Académico» do nosso último número, Anne Mary, pede-nos para informarmos aos nossos leitores do seguinte: «a coisa não foi por diante porque ela não estava interessada», e não estava porque o nosso amigo do Corvo não sabia pronunciar as altas palavras, como exemplo amor, mas sim «amo» etc, etc.

Nós ousámos dizer que isso não era razão, mas, enfim gostos não se discutem.

## COISAS DO BINGO

### Poemas

#### a um interruptor

O menino toma os copos, vai para o ensaio (no Amor da Pátria) mas dada a densidade alcoólica elevada, é forçado a não ensaiar; triste e desiludido, foi-se para uma sala deserta e de olhos fitos no interruptor braços em gesto de namoro, pôs-se a fazer-lhe ardentes poemas de amor: São males do tinto, mas enfim...

### Dizem as

#### más línguas que...

Dizem que: O Victor se matriculou apenas para engatar uma garota, depois, de conseguido o seu objectivo anulou a matrícula. Esperamos que a Odília nos informe, só dessa maneira podemos pôr o assunto em pratos limpos.

## Atenção

Na nossa redacção vendem-se cócegas. Os preços são módicos e acessíveis a todos os humores.

No Paraíso Madeirense ele, o Sidónio, está  
E ela, a lida, espera coitadinha  
Que ele venha para cá  
Ou que mande uma cartinha  
Vai para fora do Correio  
Oh! Que grande ansiedade  
Veio, não veio  
Faz dó, faz piedade  
Vêla assim tão abatida  
Por uma coisa já ida